

# Recuperação no mercado de trabalho é essencial

Segmentos que não são afetados diretamente pelas oscilações da economia global e do mercado de ações, pois são voltados ao mercado interno, apostam na recuperação interna do mercado de trabalho para crescer. Apesar das muitas diferenças, o varejo e as indústrias do leite e da **construção civil**, por exemplo, dependem da retomada da renda e/ou da confiança do consumidor para crescer. O que não é fácil em um cenário de incertezas como o atual.

No setor supermercadista, deve ocorrer uma alta no preço de alguns alimentos. Um dos principais fatores atuais de influência altista é o dólar, já que parte do que é exposto nas gôndolas tem como matéria-prima commodities e itens de exportações valorizados pelo câmbio atual - como soja e carnes. O impacto do dólar no preço dos alimentos, diz o presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), Antônio Cesa Longo, não deve demorar. "Os preços já deveriam ter sido realinhados e ainda não foram, mas, fatalmente, serão. O varejo tem de ter uma gestão muito rápida. Não podemos esperar ações do governo para tomar nossas decisões", ressalta Longo.

Por outro lado, a cotação da moeda norte-americana poderá beneficiar um pouco o setor de lácteos. Isso porque, com o dólar em alta, as compras de leite de fora do Brasil deixam de ser tão atrativas, avalia o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat), Alexandre Guerra. O dólar alto segura as importações de forma natural e torna nossa produção mais competitiva, avalia o também presidente da Cooperativa Santa Clara, mas as vendas do setor dependem, basicamente, do mercado interno.

"Precisamos é de reformas como a tributária. Concorremos com estados com tributações muito mais competitivas. Também necessitamos da retomada de setores que gerem empregos, como a **construção civil**. Novos empregos se refletem de forma rápida no nosso setor porque trabalhamos com itens de primeira necessidade", explica Guerra.

Sobre os impactos do coronavírus, apesar dos muitos reflexos negativos mundo afora, o presidente do Sindilat avalia que, para a indústria láctea, o problema pode se converter em oportunidade, já que a China deverá demandar ainda mais alimentos como forma de segurança alimentar para a população. Exportar à

China, diz, é algo que pode ser uma realidade cada vez mais próxima. No ano passado, o gigante asiático começou a habilitar plantas brasileiras de lácteos para fazer embarques ao país, e uma missão chinesa inclusive percorre, atualmente, diferentes indústrias do setor.

"Recebemos, no Estado, um grupo de chineses, na semana passada, e eles seguem por aqui, prospectando negócios, especialmente em fórmulas infantis. Mas concorreremos com grandes players, que estão mais próximos de lá e já conhecem o mercado e a cultura local, como a União Europeia e a Nova Zelândia", ressalta Guerra.

A **construção civil**, porém, vive um momento de apreensão, diz **Aquiles Dal Molin Júnior**, presidente do Sindicato da Indústria da **Construção Civil (Sinduscon- RS)**. Isso porque as incertezas do cenário global desestimulam investimentos de longo prazo, como a aquisição de um imóvel. Uma das medidas que poderia estimular a atividade, opina ele, seria os governos estadual e federal darem continuidade a **obras públicas** que estão paradas.

"Há muitas **obras públicas** paradas, com licenças ambientais já aprovadas, e que poderiam ter andamento, movimentando rapidamente diferentes setores da economia e ampliando a oferta de empregos de forma imediata", esclarece Dal Molin Júnior.